

Recortes de Imprensa

Outubro 2008

PREVISTA ACÇÃO NO PORTO

APAV presta formação em vitimologia às forças de segurança

➔ A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) está a dar formação a 12 elementos de forças de segurança (da PSP e GNR), de Portimão e espera luz verde para iniciar, numa entidade formadora, uma outra que foi solicitada pelo Comando da PSP do Porto. A acção em curso no Algarve - ministrada a pedido da Câmara - e

que incide sobre o atendimento qualificado a vítimas de crimes, tem uma duração de 40 horas e termina dia 3 de Outubro.

Quanto à que está prevista para o Porto, Helena Guerreiro da APAV, explicou ao JN que a proposta de formação e a estrutura programática já foi apresentada, também já existe um grupo de agentes inscri-

tos, aguardando-se que haja disponibilidade de horário em simultâneo dos interessados.

Esta responsável da APAV adiantou que este tipo de formação em vitimologia visa "desenvolver competências" nas forças de segurança na abordagem feita às vítimas de violência doméstica ou de outro género.

Além da elencagem dos crimes previstos no Código Penal e dos direitos das vítimas, os conteúdos incluem ainda "problemáticas que são mais trabalhadas", nas quais estão incluídos os maus tratos e os crimes violentos (roubo por esticção, ameaça com arma de fogo, agressão por estranho).

As sessões incluem exercícios de

dinâmica de grupo, em que o grupo vivencia diversas situações de vitimação, rceendo no final um certificado de participação.

A APAV tem salas de formação em Lisboa e no Porto. No resto do país terão de ser as entidades que solicitam o serviço a disponibilizar as instalações.

ALEXANDRA MARQUES

Vítima descreve inferno conjugal em diário editado

Abusos começaram na gravidez e duraram quatro anos até a mãe a ter levado à APAV e a polícia ter feito os autos

ALEXANDRA MARQUES
alexandra.marques@jn.pt

Após um ano de vida em comum, aos 24 anos casou com um homem que bebia, mas que não era violento. Tudo mudou com o nascimento do filho e é descrito no livro publicado esta semana: "Diário de um Inferno Conjugal".

Tem hoje 37 anos e diz ser feliz. Para trás ficaram quatro anos de uma relação conturbada com um marido alcoólico que a ofendia e lhe batia constantemente.

Durante os 12 meses em que viveram juntos e até o filho nascer, no início de 1996 (um ano depois do enlace), o parceiro já bebia, "mas não era agressivo, nem mostrava ser ciumento", diz. Consultava, aliás, uma psiquiatra por causa das dependências que tinha.

Explica a mudança de atitude do marido, talvez por julgar que tendo um filho dele, "eu lhe pertencia, já não ia fugir dele e podia fazer de mim o que quisesse".

A psiquiatra alegava que o álcool e os sucessivos desempregos do marido potenciavam a violência, desculpabilizando assim, considera, o comportamento abusivo do parceiro.

A técnica tinha-a aconselhado

Relato pessoal de um pesadelo

■ Ameaças com o filho

"Disse-me que nenhum juiz me daria a custódia do meu filho porque não tenho casa".

■ Sem vontade de amar

"Eu a trabalhar todo o dia e ele a beber(...). Que vontade pode ter uma mulher de se deitar com um homem que tresanda a álcool e a mijó."

■ Usurpar o cartão

"Roubou-me o cartão multi-banco para eu não ter acesso à minha conta, onde a minha avó deposita dinheiro".

■ As noites sem dormir

"Não me deixa dormir mais de quatro horas, o que está interferir com o meu trabalho. Sinto-me muito cansada e hoje adormeci na secretária".

■ Medo das retaliações

"Tenho medo do que possa fazer para me prejudicar. Já me ameaçou de morte (...) e temo que apareça no meu local de trabalho para me humilhar".

a engravidar porque ao ser pai, o parceiro tornar-se-ia mais responsável e menos dado à bebida. Não resultou. "A minha gravidez foi um pesadelo. Esteve quase sempre embriagado". Anos depois, a técnica dizia-lhe não ser obrigada a ter relações com o marido.

A rede de apoio existe

Quando as ofensas verbais e a violência psicológica já eram uma realidade, começou a escrever um diário para desabafar o que não contava a mais ninguém.

Deixara de ter contacto com as amigas de solteira e as saídas eram sempre para casa dos sogros ou de amigos destes: "Ficamos sem amigos e nem nos damos conta. Só estamos com os deles".

Ao contar à mãe o inferno em que vivia, ela levou-a à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) - onde lhe pediram para arranjar provas contra o agressor.

Passou a chamar a polícia sempre que havia desacatos dentro de casa. Muitas vezes pediu ajuda na escada do prédio, mas nenhuma vizinha lhe acudiu. Ao contrário dos agentes da PSP, da Amadora, que diz terem sido sempre muito prestáveis e protectores.

Contudo, a chamada da polícia



Maus-tratos deixaram de ser tolerados quando soube que ninguém lhe tiraria o filho

acentuava a ira do parceiro. "Tinha de me fechar no quarto para chamar a polícia pelo telemóvel e só saía quando eles chegavam".

Só ao fim de quatro anos (até 2000) ganhou coragem para bater com a porta. Quando na APAV, lhe garantiram que ninguém lhe tiraria o filho, se deixasse o marido.

Depois do marido perceber que tinha sido denunciado, a situação ficou mais difícil. "Foi um pesadelo" que admite necessário para poder provar que era vítima de maus tratos conjugais.

Quando soube que o marido ia

ter alta do hospital, saiu de casa e foi viver com a mãe: "Foi um alívio". Depois, a madrinha emprestou-lhe dinheiro para comprar uma casa. "As mulheres da minha família foram a minha rede de apoio", reconhece.

O divórcio saiu no início de 2002 e hoje diz não compreender porque passou por tudo aquilo. A ideia de escrever o livro surgiu-lhe a meio da noite em Março deste ano, "como um chamamento". "Achei que devia escrevê-lo para ajudar nem que seja apenas uma mulher a libertar-se", justifica. ■



A favor da dignidade humana

Violência contra as Pessoas Idosas em debate

Comemorou-se ontem o Dia Internacional das Pessoas Idosas e como pano de fundo realizou-se o Seminário "Violência Contra as Pessoas Idosas", uma organização da Câmara Municipal de Odivelas, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que contou com a visita de Maria Barroso, presidente da "Pro Dignitate"- Fundação de Direitos Humanos.



Maria Barroso: "...Só vemos violência"

O Seminário, que se realizou no auditório dos Paços do Concelho, nas últimas terça e quarta-feiras, foi completado por seis painéis, que tiveram a intervenção de profissionais nas mais variadas áreas direccionadas para as questões da violência e do en-

velhecimento. "Violência contra as Pessoas Idosas", "A Violência nas Famílias", "Prestação de Cuidados a Pessoas Idosas", "Práticas de Acolhimento" e "Práticas de Proximidade" foram os temas que estiveram subjacentes à produção dos conhecimentos do Seminário.

Na sessão de abertura estive-

ram presentes Eduarda Barros, vereadora dos Assuntos Sociais em representação da presidente de Câmara, João Lázaro, vice-presidente da APAV, e José Ferreira Alves, representante português da Rede Internacional de Prevenção da Violência contra as Pessoas Idosas.

Eduarda Barros leu uma men-

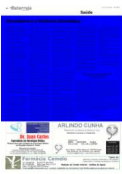
sagem de Susana Amador, que por motivos de representação da autarquia se encontra ausente do país. "A violência é uma amputação da nossa própria sociedade e não é a idade que nos diminui, mas sim a cobardia de quem atenta contra quem se encontra em situação mais vulnerável", foram as palavras deixadas pela presidente e lidas pela vereadora. No seu discurso de abertura, João Lázaro chamou a atenção para o facto de só ser "possível uma melhor intervenção, prevenção e política integrada com a discussão e reflexão acerca da problemática".

O 1º Painel - "Violência Contra as Pessoas Idosas" - teve a participação de Carla Sérgio, da APAV, e de Paula Guimarães, do Gabinete de Responsabilidade Social do Montepio, numa moderação feita por Maria Barroso. "Vivemos num mundo extremamente difícil, olhamos para

toda a parte e só vemos violência... Temos de conjugar esforços para mudar esta sociedade onde vivemos e criar mais justiça, solidariedade e pacifismo!", apelou a presidente da "Pro Dignitate".

Durante este 1º Painel foram avançados alguns factores de risco para a prática de violência, bem como o seu enquadramento legal. Isolamento Social, história familiar de baixa qualidade, dependência relativamente à vítima e dificuldades de comunicação são alguns desses factores que potenciam a prática da violência como crime público, independente da sua ocorrência temporal. No caso das Pessoas Idosas foram ainda clarificados alguns tipos de violência, que não a física, como é o caso da psicológica ou emocional - a mais comum - o abuso económico e sexual, o abandono, a negligência e a auto-negligência.

ANA PIRES FONSECA



Alcoolismo e a Violência Doméstica

A pertinência deste tema levou-nos a escrever esta matéria para alertar a população de que o alcoolismo é uma doença e uma das que mais mata no mundo. Portugal é o terceiro país com mais incidência de alcoolismo na Europa.

O alcoolismo é manifestado pela ingestão repetida de bebidas alcoólicas, pela dificuldade de abstenção e pela perda de controlo.

Um indivíduo pode tornar-se alcoólico devido a um conjunto de factores como influências familiares e culturais, sabendo-se também que homens e mulheres têm quatro vezes mais probabilidade de terem problemas com o álcool se os seus pais forem alcoólicos.

Muitas pessoas com problemas com o álcool não apresentam quaisquer sintomas da dependência logo, torna-se mais difícil o diagnóstico da sua doença. A partir do momento em que a pessoa passa a depender do álcool e não pode decidir o quanto vai beber, passa a ter uma vida regida pela dependência, pela necessidade de continuar a beber e de evitar os sintomas de privação do álcool. Submetido a essa dependência, passa a ter prejuízos nas áreas da sua vida física, psicológica, familiar social e moral.

No ambiente familiar, quando sentem que há um medo da família perante si, tornam-se cada vez mais onipotentes e agressivos, chegando mesmo a agressões físicas ou a expulsar todos para fora de casa, argumentando que bebeu porque essas pessoas o estavam a incomodar. São nestes conflitos, que alguns utilizam instrumentos como armas de fogo, facas e outros objectos para agredir a família, geralmente a esposa

é a vítima no caso de o agressor ser do sexo masculino.

Um doente alcoólico é uma pessoa que sofre e que faz sofrer aqueles que lhe são próximos afectivamente, é considerada uma doença do “sistema familiar”, pois todos são afectados, sendo que o seu tratamento também apela a uma abordagem de todo o sistema.

O consumo de álcool contribui, mais do que qualquer outro factor de risco, para a ocorrência de acidentes domésticos, laborais e de condução, violência, abusos e negligência infantil, conflitos familiares, incapacidade prematura e morte. Existe uma proporcionalidade directa entre o dano e a quantidade de álcool ingerido.

A acção do álcool e do alcoolismo faz-se sentir a nível da vida familiar (desmembramento familiar, deterioração do lar, perturbações relacionais, carências materiais) e na descendência com efeito directo (acção psicológica) e efeito indirecto (acção tóxica). Entre as maiores dificuldades para a família de um alcoólico estão a violência doméstica, isolamento, relações familiares conturbadas, instabilidade, insegurança, falta de credibilidade em relação ao alcoólico, desgaste emocional na procura de convencer o familiar a tratar-se e vergonha em relação ao familiar alcoólico devido às suas atitudes constrangedoras.

Quando é o pai o doente alcoólico, o desenvolvimento das crianças está comprometido a nível psicológico e na identificação com esta figura de referência, quando é a mãe a doente, as situações de carência de afectos e de cuidados tomam-se frequentes assim como a negligência e o

abandono. A mãe alcoólica pode ter influências negativas nos seus descendentes devido a acções tóxicas pré-natais como: abortos espontâneos, nascimentos da criança morta, partos prematuros, malformações que podem constituir o Síndrome Fetal Alcoólico; e a acções pós-nascimentos que podem provocar: atrasos no desenvolvimento geral e maior predisposição para desenvolver uma doença alcoólica em idades precoces.

Como a maior parte das famílias vê o alcoolismo como uma fraqueza e não como uma doença, apresenta sentimentos hostis, o que dificulta o tratamento e recuperação do indivíduo alcoólico, começando a isolar-se dos amigos, vizinhos e familiares.

Quando a Violência ocorre, as principais vítimas são as mulheres, as crianças e os idosos que sofrem agressões físicas tais como socos, pontapés, agressão com armas ou objectos pesados, violência sexual e abandono; assim como agressões morais que incluem insultos e humilhações em público ou em privado, ameaças, abandono moral e destruição de propriedade pessoal e doméstica.

Toda a mulher que seja vítima de violência doméstica, ainda que não apresente sinais externos de agressão, deve recorrer ao hospital local para ser observada e tratada, além disso, pode recorrer a Institutos ou a Gabinetes que recebem denúncias e praticam actos cautelares necessários à situação e com a urgência precisa ou até mesmo, ao Posto de GNR mais próximo para apresentar queixa contra o agressor. Se a mulher apresentar queixa contra marido,

companheiro ou pai, e se recia pela sua integridade física ou psicológica, ou a dos filhos, pode optar por sair de casa. Este abandono do lar devido à violência, desde que possa ser provado, não prejudica o direito de ficar com os filhos menores, nem o direito de residir na casa de morada da família, assim como não perde o direito de pedir a pensão de alimentos ao pai dos filhos no caso de vir a divorciar-se. Todo o tipo de violência deve ser do conhecimento dos restantes familiares, filhos, vizinhos e amigos para estes poderem prestar assistência e apoio à mulher vítima e para serem suas testemunhas nos processos litigiosos.

Assim, deixamos os contactos de associações que prestam apoio a pessoas alcoólicas e às suas famílias: Alcoólicos Anónimos: ligue 217 162 969

Carda (Centro de Alcoólicos Recuperados do Distrito de Aveiro): ligue 234 48 37 23 ou 234 48 37 24
E contactos de associações de apoio às vítimas de violência doméstica: Gabinetes da APAV (Lisboa): ligue 21 888 47 32

Todos os dias úteis: 10H00-13H00/14H00-17H00

Gabinetes da APAV (Porto): ligue 22 550 29 57/9

Todos os dias úteis: 9H30-13H00/14H00-17H30

Serviço de Informação às Vítimas de Violência Doméstica: ligue 800 202 148 (24 H /7 dias por semana)

Celso Sousa, Patrícia Botelho e Susana Dias
Alunos da Escola Superior de Enfermagem da Cruz Vermelha Portuguesa de Oliveira de Azeméis

05-10-2008

Tiragem: 62417

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 13

Cores: Preto e Branco

Área: 5,54 x 9,20 cm²

Corte: 1 de 1



Joana Marques Vidal discute direitos humanos

A presidente da Associação de Apolo à Vítima (APAV), Joana Marques Vidal, é uma das figuras convidadas para o quinto Encontro Nacional da Amnistia Internacional, que termina hoje no Porto. Em discussão estão os 60 anos da declaração Universal dos Direitos Humanos, os seus limites e as conquistas. Para discutir os temas foram ainda convidados Carlos Coelho, Fátima Proença, José Manuel Pureza, Duarte Miranda Mendes e Pedro Bacelar Vasco.

EM CADA DEZ TRABALHADORAS, QUATRO SÃO VÍTIMAS DE "ATAQUES" DOS CHEFES

Assédios aumentam

A maioria dos casos não são denunciados por vergonha ou medo. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima diz que o mais importante é quebrar o silêncio



Texto • Ana Maia*
ana.m.maia@24horas.com.pt

Estima-se que quatro em cada dez trabalhadoras são assediadas no emprego, mas por medo e vergonha a maioria não o denuncia. **Em 2007 foram instaurados mais de 300 processos disciplinares relacionados com este tipo de crime**, que o inspector-geral do Trabalho diz estar a aumentar em Portugal.

Fátima (nome fictício), 36 anos, foi uma das vítimas com coragem para denunciar a situação. Na empresa de *call-center* onde trabalhava há três anos os "avanços" do novo superior hierárquico começaram subtilmente. Mas na noite em que a convidou "para subir a sua casa e beber uns martinis" Fátima assustou-se.

"Quando comecei a recusar sistematicamente os convites, foi o descalabro total. Passou a controlar-

me, mudou os meus horários para que eu almoçassem sempre sozinha, nas reuniões não me deixava falar, chegava a ser agressivo e a humilhar-me em frente aos colegas", conta.

A situação arrastou-se durante meses até que decidiu pedir apoio jurídico ao sindicato, porque "não podia ficar calada". Fátima avançou para tribunal com uma queixa por assédio, que ganhou.

"É importante quebrar o silêncio"

"Temos muito, muito poucas denúncias. Era importante que nos fizessem chegar [as queixas], que tivessem essa coragem, porque são situações que nos preocupam e que acontecem com cada vez mais frequência", alerta o inspector-geral do Trabalho, Paulo Morgado de Carvalho.

Mas há casos em que a violência vai além do assédio. São os que, por

exemplo, chegam junto da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). "Estão numa fase mais avançada de violência, como a coacção sexual", referiu ao 24horas João Lázaro, membro da APAV.

A semelhança do que acontece com o assédio, também aqui são poucas as denúncias. "Isso pode acontecer por várias razões: por vergonha da vítima, falta de consciência de que o comportamento de quem assediou pode ser sancionado, pelo menos a nível laboral".

A percepção da associação indica que são mais as mulheres que sofrem este tipo de violência e os agressores podem tanto ser chefes como colegas. "O mais importante é que a vítima quebre o silêncio, que fale com alguém com quem tenha confiança e pondere a denúncia", aconselha João Lázaro.

*COM LUSA

Apesar de a dimensão real da violência doméstica estar a diminuir, os incidentes tendem a revestir-se de maior gravidade

Violência doméstica: nova visibilidade de um velho problema

Este Verão foi particularmente "quente" em matéria de notícias sobre violência doméstica. A questão volta a colocar-se: estará o fenómeno a aumentar? Ou será a nossa tolerância cada vez menor face a este tipo de violência, repudiando situações até aqui tidas como "normais"? Ou seja: o que aumenta é a violência doméstica ou a sua visibilidade?

No quadro das políticas públicas em curso, tem vindo a promover-se um conjunto de estudos que permitem hoje responder com rigor a interrogações que no passado levaram a muita especulação. Curioso é que, tendo nós já essas respostas, e com os dados e os estudos largamente divulgados, a especulação se mantinha, fazendo tábua rasa dos avanços de conhecimento realizados neste domínio.

Em Junho de 2008, foi divulgado pela Universidade Nova de Lisboa um estudo inédito promovido pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) sobre a dimensão real da violência doméstica e de género que, entre diversas leituras do fenómeno, permite comparar dados e analisar tendências.

Concluiu-se deste estudo que a violência doméstica - em todas as suas variantes (violência física, psicológica, sexual) - diminuiu 10 por cento nos últimos 10 anos. Mas, no sentido inverso, os registos das queixas apresentadas à GNR e à PSP têm vindo a aumentar desde 2000, a uma média anual de 12,2 por cento. No entanto, quando comparamos os números de 2007 com os anos anteriores, verificamos que a tendência crescente das denúncias se mantém, mas que o valor de crescimento baixou no último ano: crescimento de 17,1 por cento em 2005, de 13,2 por cento em 2006 e de 7,1 por cento em 2007. Ou seja, o aumento das denúncias em 2007 (7,1 por cento) foi inferior à média anual de aumento desde 2000 (12,2 por cento),

data em que este crime se tornou público e se começou a sistematizar este tipo de dados.

Podemos hoje afirmar, com base em estudos credíveis e de grande rigor científico, que o que aumenta não é a violência doméstica mas a sua visibilidade. A este facto não são alheios, seguramente, os investimentos públicos que se têm vindo a fazer sobre a temática.

Permitam-me destacar a criação de uma rede de núcleos de atendimento a vítimas de violência doméstica na generalidade dos distritos portugueses - há dois anos, metade dos distritos carecia destes dispositivos - e a criação de salas de atendimento a vítimas nas esquadras da PSP e postos da GNR (cerca de 400 salas). Em todos os concelhos de Portugal há salas onde as vítimas têm acesso a este atendimento, com agentes especialmente treinados para o assegurar, o que as tem encorajado a denunciar os agressores.

As vítimas de violência doméstica vêm desse modo aumentada a sua credibilidade num sistema de protecção que, apesar de necessitar de aperfeiçoamento, tem permitido que se quebrem barreiras e sistemas complexos de vergonha e culpa, que durante muito tempo silenciaram estes dramas. A vontade de querer um futuro mais justo e igualitário não nos deve impedir de reconhecer os avanços efectuados, as resistências à consolidação da mudança, nem o esforço que está a ser feito para alterar um sistema que sobreviveu durante séculos sob a hipocrisia social e cumplicidade de todos nós.

Os estudos revelam ainda que, apesar de a dimensão real da violência doméstica estar a diminuir, os incidentes tendem a revestir-se de uma maior gravidade. Os actos são mais violentos, como é o caso das situações de homicídio conjugal de que temos conhecimento. No que diz respeito



Elza Pais

a estas formas extremas de violência, os dados não estão tão sistematizados, pelo que os exercícios de comparação requerem prudência. As especulações neste tema não ajudam à solução dos problemas e há que desmontá-las. Sabemos por exemplo que, em 1996, 15,1 por cento dos homicídios eram de natureza conjugal, e que essa percentagem aumentou para 16,4 por cento dez anos depois. Mas carecemos de informações mais precisas e detalhadas. O Observatório da UMAP (União de Mulheres Alternativa e Resposta), que faz o inventário dos casos noticiados pela imprensa escrita, identificou 36 vítimas de homicídio conjugal em 2005, 37 em 2006, 24 vítimas em 2007 e 17 casos até Maio de 2008. Há que olhar com reserva para estes números, já que se trata apenas dos casos noticiados nos jornais. A escolha de um tema de notícia depende de critérios jornalísticos muito volúveis e incontroláveis, pelo que, em rigor, e pese embora o respeito que merece este esforço de levantamento, são números que não permitem tirar conclusões quanto a tendências.

Não podemos dizer, com base nestes dados, que o homicídio está a aumentar ou a diminuir e muito menos qual a proporção associada a esse eventual aumento, como recentemente alguns fizeram, em notícias e comentários aos casos mais mediáticos.

É muito positivo que haja mais cobertura dos *media* quando se trata de incidentes de violência doméstica, mas devemos ter prudência com análises precipitadas e erradas dos números. Uma das maiores virtualidades deste percurso passa pela consolidação da percepção no tecido social de que a violência doméstica é uma das mais graves violações dos direitos humanos. *Presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e investigadora na área da Violência Doméstica*

07-10-2008

Tiragem: 62417

País: Portugal

Period.: Diária

Âmbito: Informação Geral

Pág: 16

Cores: Preto e Branco

Área: 6,60 x 10,95 cm²

Corte: 1 de 1



PCP/M quer travar violência sobre idosos

Madeira. Segundo dados da APAV, os casos de violência aumentaram dez vezes nos últimos cinco anos

Os deputados do PCP/Madeira propuseram ontem no Parlamento madeirense a elaboração de um plano regional contra a violência que atinge os idosos nesta região autónoma. O grupo parlamentar do PCP/M diz que existem na Madeira "cada vez mais casos de violência sobre os idosos", alguns dos quais escondidos pelas próprias vítimas. Apontam as conclusões de um estudo recente apresentado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), o qual aponta que "aumentaram dez vezes em apenas cinco anos" os casos denunciados e contabilizados, sendo que 80% das vítimas são mulheres e os maus tratos são mais frequentes a partir dos 55 anos. Por isso, os deputados comunistas sustentam ser necessário dinamizar uma abordagem integral da questão da violência na sociedade, família, instituições de acolhimento e acompanhamento dos idosos. ■ LUSA

VIOÊNCIA. AGRESSÕES AOS PAIS AUMENTAM 5,3% ENTRE 2007 E 2008

MALTRATADOS PELOS FILHOS

António e a mulher viveram quatro horas de terror em casa: ele foi algemado, ela ficou sem roupa



Não se limitam ao estalo e ao pontapé. Dentro de casa, são ainda mais perversos: queimam os pais com isqueiros, ameaçam atirá-los da janela e algemam-nos. As queixas não param de subir — há registo de mais de 700. **Por Raquel Lito**

No dia em que Sara (nome fictício) fez 33 anos, recebeu um SMS do filho adolescente: "Vai para o c...". Não foi o primeiro acto violento: desde Setembro de 2007 que esta mãe é agredida pelo filho de 16 anos. Vizinhos e colegas de trabalho da advogada, de 33 anos, nada sabem, embora desconfiem das suas ausências frequentes. "Tenho vergonha de aparecer com os olhos carregados. Dói tanto dizer que está tudo bem quando levo uma vida de inferno", diz.

A violência do adolescente parece ter sido herdada do pai, também um homem muito violento, que a obrigou a fugir de casa. O filho não se limita aos pontapés ou ameaças com facas. Já arrombou fechaduras, arrancou o soalho, destruiu janelas e persianas e esteve quase a provocar um incêndio, deixando uma panela vazia ao lume. E tem outros requintes. "Escondeu-me a dentadura e pediu-me dinheiro." Também lhe queimou os pelos dos braços com um isqueiro, desligou o quadro eléctrico e levou o televisor para o quarto. Sara já recorreu à polícia e a outras entidades e chegou a frequentar uma seita religiosa ("acordava às 3h para rezar"), tudo sem efeito. Aguarda agora que o Minis-

► tório Público tome a medida mais pesada – o internamento numa instituição. Mas o processo pode demorar anos e corre o risco de ser arquivado se o menor atingir a maioridade. Neste compasso de espera, em média dois anos, tudo pode acontecer.

ALARMADA, A JUÍZA Maria da Encarnação Honrado tenciona criar no próximo ano uma associação de apoio a estes pais. A começar por uma linha de apoio gratuita, a funcionar 24 horas por dia com 10 especialistas no atendimento. “Haverá uma rede de solidariedade social em que as pessoas serão apoiadas até a situação estar estabilizada.” E essa rede passa também por outra equipa multidisciplinar, psicólogos incluídos, que procura dar equilíbrio emocional aos pais “para não se sentirem sozinhos e pensarem que o falhanço é só seu”. Não é. Os maus tratos de filhos a pais são um fenómeno preocupante, e longe de ser só português. Espanha é outro exemplo. Na edição de 1 de Outubro, o jornal *El País* falava de uma tendência crescente, referindo que muitos agressores são menores. O psicólogo Javier Urrea, autor do livro *O Pequeno Ditador*, disse ao diário que as agressões tendem a converter-se “num tsunami imparável”. Talvez sejam, já que começam a ter representatividade estatística – só não têm mais por vergonha das vítimas, que dificilmente assumem não terem mão nos filhos prepotentes. Entre 2007 e 2008, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 715 casos, mais 5,3% do que no biénio anterior (2006/07). “A maioria dos agressores é do sexo masculino e situa-se na faixa etária dos 18 aos 45 anos”, diz Elsa Beja, assessora de estatística da APAV.

Maria, de 54 anos, divorciada e “sem referências masculinas” no apoio à educação dos dois filhos – “Não sei onde pequei” –, bem precisa de apoio. Quando o mais novo



A maior parte dos agressores de pais é do sexo masculino, entre os 18 e os 45 anos

nasceu, a 25 de Abril de 1986, o obstetra avisou-a de que seria um bebé “revolucionário”. E foi, no pior sentido. Era manipulador, distraído, manifestava vontade de morrer. Com a adolescência, passou a canalizar muita da revolta contra a mãe. “Um dia, pegou no chapéu de chuva, destruiu-o à mi-

“Tive facas encostadas à barriga e ao pescoço”, diz uma mãe agredida

nha frente e disse que faria o mesmo comigo.” Pior foi o episódio da janela: “Peguei-me ao colo, ameaçando atirar-me do 3.º andar. Mas eu sabia que ele não era capaz...”

Apesar de o acompanhar em tudo, até nas aulas de catequese e dos escuteiros, Maria chegou a um ponto de ruptura no início de 2004, quando pediu ajuda à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens. Os psicólogos

não resultavam, da escola só recebia queixas. Esgotadas todas as hipóteses, incluindo consultas de psiquiatria, o filho, então com 17 anos, acabou por ser internado na 7.ª enfermaria do Hospital Miguel Bombarda, em Lisboa. Ficou lá três meses, de Janeiro a Abril de 2004, sempre praticamente sedado. Mas, quando não estava, admitia aos médicos que gostava de apanhar “mocas” de haxixe para se acalmar, que se dava mal com o pai e que o irmão era “um careta”, tal como a mãe. Os relatórios psicológicos desta instituição revelam que o filho de Maria apresenta “falta de contenção dos impulsos, projectando um mundo interno ameaçador e persecutório”.

A violência dos filhos agressores começa, muitas vezes, antes da idade adulta, como confirmam as queixas que chegam à polícia. “Começam com uma bofetada mas podem ir até às ameaças com armas”, diz um agente da PSP que se apercebeu do fenómeno há dois anos e meio. Se houver armas de fogo incluídas, os tribunais são muito “sensíveis” à questão e emitem um mandado de busca num mês.

Terá sido este mandado que parou definitivamente os impulsos violentos do filho de Ana, em finais de 2006. Às 10h, foi acordado por agentes da PSP que revistaram a casa à procura da arma que exibira à mãe e a um grupo de amigos a 26 de Abril de 2005. Algemaram-no e levaram-no para a esquadra para ser interrogado (tudo com o prévio consentimento da mãe). “Andava a tomar ansiolíticos e antidepressivos. Ficava apática, porque não sou de chorar”, relata a vítima, de 54 anos.

Apesar de a arma não ter sido encontrada, a visita policial serviu de lição ao filho de Ana, um homem encorpado, com 1,87 m de altura. “Nesse dia saiu de casa.” Para trás ficaram episódios marcantes, como o de 26 de Julho de 2006, quando Ana surpreendeu o filho (então com 26 anos) a fazer sexo com a namorada no seu quarto. “Ouví gemidos e fiquei irritadíssima. Então fui para a cozinha limpar o chão.” Mesmo com o sistema nervoso desregulado, resolveu expulsar a rapariga. E deu-se então a agressão: o filho, irado, entrou disparado na cozinha. “Tirou-me a esfregona e partiu-a em cima de mim. Deu-me um pontapé e cal.”

Agredida várias vezes, Ana chegou a receber tratamento hospitalar em Santa Maria, Lisboa, no fim de 2006, com hematomas nas costas e na região lombar. Sugeriu que o filho recebesse tratamento psiquiátrico, embora ouvisse respostas do tipo: “Não me chateies os cornos que eu estou bem.” Ana deixou de ter notícias dele e ten-

No dia do seu aniversário, Sara recebeu um SMS lapidar do filho: “Vai para o cara...”



Em fúria, o filho destruiu um chapéu e ameaçou fazer o mesmo à mãe

As zonas do corpo mais atingidas

BRAÇOS COBERTOS NO VERÃO E ÓCULOS ESCUROS SÃO SINAL DE ALERTA, DIZ FONTE DA PSP



BRAÇOS

Se em pleno Verão vir alguém com uma camisa comprida e de braços cobertos, pode ser um sinal de alerta: é assim que as vítimas disfarçam as nódoas negras naquela zona do corpo.

BARRIGA

Dentro das zonas menos expostas, a barriga é das que sofrem mais agressões. Por isso, um agente da PSP aconselha as vítimas a agacharem-se para protegerem as zonas vitais.



CARA

Costuma ser atingida, sobretudo com chapadas e murros. Há quem use óculos escuros ou peça uns dias de baixa até os hematomas saírem. As vítimas procuram não levantar suspeitas no trabalho.



► ciona arquivar o processo. Mas não esquece. "Gostava que me pedisse desculpa."

Quatro horas de pânico dificilmente se esquecem. Ainda hoje, ela acorda aos gritos, a lembrar-se das atrocidades daquela manhã de 15 de Setembro de 2007. Quando o marido saiu por breves minutos, entre as 7h50 e as 8h, para ir comprar pão, viu um vulto feminino aproximar-se. Reconheceu-o mas nada pôde fazer porque estava debilitada, é diabética e perdeu 70% da visão. Indefesa, deixou-se atar à cama. Encheram-lhe a boca de trapos. O marido diz que foi violentamente agredida na cabeça, com um objecto de plástico maciço. "Estava tudo ensanguentado", conta à SÁBADO. Na cozinha, ao regressar da padaria, António, de 75 anos, foi surpreendido por um homem que o terá ameaçado com uma arma de fogo e atingido com vários golpes de uma faca no joelho esquerdo e na barriga. Fugiu a custo e correu para o quarto para libertar a mulher. Mas o casal foi apanhado no corredor e arrastado para a sala, com os estores corridos. Despiram a mulher e algemaram António a uma cadeira. Sabiam que ele era o único que podia oferecer resistência. Aliás, sabiam demasiado sobre ele, porque um dos agressores era a filha. Aos 51 anos, engravidara um plano com o marido para ficar com o património dos pais. "Roubaram-nos 250 euros, uma pulseira em ouro, três relógios de bolso, um telemóvel e pediram para passarmos um cheque de 5 mil euros, mas não o levantaram."

ANTÓNIO RESISTIU às ameaças com armas (faca e revólveres), intercaladas por insultos e ainda foi capaz de gritar por socorro de forma a alertar a enfermeira que vinha dar a injeção de rotina à mulher – e que chamou a polícia. Quando os agentes chegaram, os agressores já tinham fugido mas, entretanto, foram apanhados numa outra casa de António em Cascais e estão agora em prisão domiciliária – nessa mesma morada. O processo será julgado esta semana e a filha arrisca-se a ser condenada por vários crimes, entre eles injúrias (pena de prisão até três meses ou multa até 120 dias), ameaças (pena até um ano ou multa até 120 dias) e ofensa à integridade física qualificada (pena até quatro anos ou de três a 12 anos consoante a gravidade das agressões). Não terá sido a primeira vez que a filha de António recorreu à força. O pai conta que, em 1986, ela teve um acesso de fúria e lhe provocou graves ferimentos na clavícula e na

Números arrepiantes

AS AGRESSÕES SÃO EM CASA E ATINGEM MAIS AS MÃES, ALERTA A APAV

715

Casos registados pela APAV entre 2007 e 2008

84,1%

Vítimas com mais de 65 anos, na sua maioria mulheres

465

Agressões na residência familiar, apenas 16 na via pública

15,8%

Homens agredidos por filhos, de 2007 a Junho de 2008

Para abafar agressões, há quem procure terapeutas ou interne os filhos em colégios

cabeça com uma pá. "Levei 170 pontos." Num outro ataque, em 2005, ter-lhe-á atirado uma cadeira. "Sempre foi traiçoeira, agressiva. Na escola, tratava mal os colegas e batia-lhes."

Foi na APAV que Fernanda encontrou apoio psicológico durante três anos, com consultas semanais de 50 minutos, sobretudo depois de uma ameaça no fim de 2004.

Aos 6 anos, um miúdo recusa fazer os TPC e dá pontapés ao pai. "Magoa-me mesmo"

"O meu filho irritou-se com a médica de família e disparou comigo", conta a mãe. Descontrolado, atirou-se ao pescoço da viúva, agora com 60 anos, mas teve um rasgo de lucidez no último momento e ela escapou ilesa. Só que, dessa vez, Fernanda não passou a noite no carro, como era hábito após as agressões: procurou a ajuda de um casal vizinho e fez uma participação na esquadra local, onde apresentou a camisa rota como prova. Mas o episódio de violência não foi

o último: "Tive facas encostadas à barriga, ao pescoço e levava pontapés." Diz que o filho começou a tornar-se agressivo em 2000, tinha então 28 anos, acabara de perder o avô materno e terminara um namoro. "Fiquei desorientado, comecei a beber e fazia imensa chantagem." A mãe nunca deixou de acreditar que ele ia regenerar-se, largar o álcool e as drogas duras, e isso veio a acontecer em 2006, ano em que o agressor se submeteu a um tratamento de desintoxicação durante três meses.

"A firmeza e os valores morais da mãe foram decisivos para a recuperação do filho, que era inseguro, tinha baixa auto-estima e era incapaz de gerir a frustração. A dependência de drogas também potencia este tipo de reacções agressivas", diz a psicóloga que a acompanha, Rosário Figueiredo. Hoje, está curado.

Goretti, 48 anos, não vê cura nem solução para o comportamento do irmão, cinco anos mais novo do que ela. Há 12 anos que ele agride verbalmente a mãe. "Interrogo-me porque é que faz isso." Talvez haja uma justificação plausível: o patriarca fazia o mesmo à mulher e aos filhos, tendo obrigado a própria Goretti a fugir da Madeira

para o continente aos 15 anos, depois de levar uma tarefa. A 27 de Outubro de 2005, o irmão de Goretti terá ido mais longe, empurrando a mãe de 70 anos de umas escadas, depois de ameaçar que iria fazer explodir uma bomba. A vítima ficou com uma luxação num ombro e teme represálias. O caso aguarda julgamento.

OUTROS FICAM ABAFADOS entre as famílias insuspeitas, com forte poder económico e que temem ficar manchadas pelo escândalo. Muitas recorrem secretamente aos pedopsiquiatras, psicólogos educacionais e terapeutas ou colocam os agressores – miúdos problemáticos – em colégios internos. As mãos de Conceição Espada, consultora de Gestão de Stresse, com consultório no Monte Estoril, chegam casos destes há oito anos. "São crianças muito despotas. Fazem birras e não respondem à autoridade."

"Pestinha" é como João (nome fictício), com mais de 40 anos, se refere carinhosamente ao filho. Aos 6 anos, e num tom insolente, ele já se recusa a fazer os trabalhos de casa quando "se sente muito confiante ao lado da mãe". Nessas ocasiões, o "pestinha" é um ditador em potência: não hesita em bater ao pai (incluindo nas zonas mais sensíveis). "Aquilo magoa mesmo." •



bodyspace.net

editorial discos concertos entrevistas artigos livros/DVDs notícias

notícias

Woods actuam no Espaço APAV & Cultura

14 de Outubro de 2008, **12:03**

A APAV promove no dia 23 de Outubro, quinta-feira, um concerto com o quinteto Woods. Este concerto tem lugar no Espaço APAV & Cultura (sede da APAV, Rua José Estevão 135-A, ao Jardim Constantino, em Lisboa), às 19h00. Os Woods são Bruno Parrinha (clarinete alto e clarinete), João Camões (viola), João Parrinha (bateria), João Pedro Viegas (clarinete baixo) e Miguel Mira (violoncelo) e concentram a sua atenção na música de câmara improvisada, viajando do jazz à música electro-acústica, das novas correntes reducionistas à música mais orgânica. Entrada gratuita sujeita a confirmação prévia, devido ao número limitado de lugares, por [email](#) ou telefone: 21 358 79 15.

>Marcas



Por uma boa causa.

Seguindo a tradição natalícia, a Marionnaud volta a apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) através da venda de peluches, cuja receita reverte a favor daquela instituição que presta auxílio a vítimas de violência. Este ano, a Marionnaud festeja o Natal com uma divertida rena de peluche, dando assim um toque de alegria ao gesto. Entre neste espírito com o pé direito!



Seminário sobre violência contra os idosos

Decorreu nos Paços do Concelho, o Seminário "Violência contra as Pessoas Idosas", promovido pela Câmara Municipal e APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)



O Seminário abordou questões como a Violência nas Famílias; Psicologia do Envelhecimento e Saúde Mental das Pessoas Idosas; Prestação de Cuidados a Pessoas Idosas; Práticas de Acolhimento e de Proximidade. Neste último tema, o Programa Apoio 65 – Idosos em Segurança e Unidade dos Cuidados Continuados do Centro de Saúde de Odivelas foram as matérias em des-

taque.

Na sessão de abertura, a Presidente da Câmara Municipal, que não pôde estar presente, endereçou uma mensagem de apreço à parceira na organização, a APAV, e a todos os participantes, lamentando o facto do tema do seminário ser **"ainda hoje uma circunstância com que infelizmente contamos na nossa sociedade, e que existe de forma muito**

silenciosa, mas para a qual temos o dever e a obrigação de estarmos atentos e não pactuar com esta situação."

Susana Amador assinalou dois projectos municipais, que se dirigem à população sénior do município, e de grande sucesso, como o projecto dos vigilantes/patrulheiros (reformados que todos os dias, no período escolar, garantem a passagem segura das crianças

nas passeadeiras junto das Escolas) e o Clube Movimento, que promove o desporto e a saúde.

A abertura do Seminário contou ainda com a presença do Vice-Presidente da APAV, João Lázaro, do Representante Português da Rede Internacional da Violência contra as Pessoas Idosas, José Ferreira Alves, e de Maria Barroso, Presidente da Pro Dignitate.

Os trabalhos foram encerrados por João Lázaro e pela Vereadora dos Assuntos Sociais, Eduarda Barros, que destacaram a importância do tema e o saldo positivo do evento, pois além dos dois dias terem auditório cheio, com participantes provenientes de vários locais do País, inclusive dos Açores, a qualidade dos contributos, tanto dos oradores como público, foi de elevada qualidade.

NOTÍCIAS

Você está em: [Homepage](#) / [Portugal](#) / [Notícia](#)

- > Exclusivo CM
- > Opinião
- > Eleições americanas
- > Correio do Leitor
- > Actualidade
- > Portugal
- > Saúde
- > Ensino
- > Economia
- > Política
- > União Europeia
- > Mundo
- > Desporto
- > Benfica
- > Sporting
- > FC Porto
- > Cultura
- > Música
- > TV & Media
- > Reportagem
- > Entrevista
- > Tema da Semana
- > Escândalos na CML
- > Fórum
- > Pequim 2008
- > 29 anos a abraçar
- > Portugal
- > Contactos CM

Alterar tamanho de letra



26 Outubro 2008 - 00h30

Portimão: Patrulha da PSP deparou-se com situação na Pedra Mourinha

Bate em mulher e agride polícias

Um homem, de 25 anos, foi detido quando batia numa mulher, em plena via pública, em Portimão, por uma patrulha da PSP local, que também foi insultada e agredida.

Segundo o Correio da Manhã apurou junto de fonte do Comando de Polícia, em Faro, os agentes depararam-se com o homem a agredir a vítima, de cerca de 20 anos, a soco, enquanto esta gritava por ajuda, na zona da Pedra Mourinha, anteontem à tarde.

Assim que os dois polícias intervieram no sentido de travar a agressão, o homem reagiu violentamente contra eles, insultando-os e agredindo-os com empurrões e pontapés, ao mesmo tempo que tentava continuar a bater na mulher, já bastante magoada e assustada.

Perante a situação, os agentes acabaram por ter de usar a força física para dominar o indivíduo, que foi deitado ao chão e aí algemado. Antes, contudo, ainda tentou fugir, mas foi rapidamente agarrado e detido. No processo, alguns dos equipamentos dos agentes ficaram danificados. De acordo com a mesma fonte policial, o suspeito foi em seguida conduzido à esquadra, mantendo uma atitude agressiva.

A mulher está a ser acompanhada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O detido foi ontem presente ao Tribunal de Lagos, para primeiro interrogatório judicial, tendo saído em liberdade mediante apresentações bisemanais à PSP. As situações de agressões e insultos a agentes da autoridade ocorrem com frequência em associação a casos de violência doméstica. Na noite do passado dia 19 de Agosto, um homem, de 23 anos, que provocava distúrbios à porta de um prédio, em Faro, ameaçou com duas facas os elementos de Intervenção Rápida da PSP, tendo sido detido. Na altura justificou a sua exaltação com uma desavença conjugal.

Paulo Marcelino



Os dois agentes foram empurrados e pontapeados pelo agressor

Ana Palma